A coragem de plantar o invisível

written by Axel Britto | 26 de Novembro, 2026



Há sementes que não nascem para enfeitar jardins. Nascem para transformar paisagens.

Existe uma poesia que só a terra conhece. Ela acontece longe dos olhos, distante dos aplausos, no silêncio profundo debaixo do chão. É ali, onde aparentemente nada acontece, que a vida prepara suas mais extraordinárias revoluções.

Uma semente, antes de ser árvore, precisa conhecer a escuridão. Precisa suportar o peso da terra, enfrentar a pressão do que a envolve, romper a própria proteção e descobrir, dentro de si, uma força que ainda não sabia possuir.

Talvez seja essa a metáfora mais bonita para compreender o que está acontecendo na Casa da Música, no Porto.

Porque nem tudo é flor, mas tudo é semente.

E há iniciativas culturais que, antes de florescerem nos olhos do público, precisam florescer na coragem de quem as concebe.

Aproximar a musicalidade amazônica de um espaço tão significativo da cultura europeia não é apenas uma decisão de programação. É um gesto de inteligência cultural, de generosidade artística e, sobretudo, de ousadia. É compreender que a música não tem nacionalidade quando toca a alma, mas tem raízes, histórias, ancestralidades e territórios que precisam ser respeitados e conhecidos.

É permitir que a Amazônia atravesse o Atlântico não somente em sua exuberância natural, mas na delicadeza de suas melodias, na força de seus ritmos, na originalidade de seus criadores e na imensidão de sua identidade cultural.

E isso exige coragem.

A coragem de quem compreende que uma instituição cultural não pode ser apenas guardiã do que já foi consagrado. Precisa também ser território de descobertas, espaço de encontros, lugar onde o inesperado encontra acolhimento e onde o diferente tem a oportunidade de revelar sua beleza.

Nesse sentido, a iniciativa conduzida por Fernando de Souza, um dos geniais coordenadores da Casa da Música, merece um olhar que ultrapasse a celebração dos espetáculos.

Porque o que está em jogo é maior do que quatro noites de programação.

São quatro noites que carregam a dimensão de uma escolha. A escolha de abrir janelas, deslocar fronteiras, provocar sensibilidades e oferecer ao público português a oportunidade de experimentar uma musicalidade que nasce de um território de dimensões continentais, de águas imensas, de culturas ancestrais e de uma criatividade que não cabe em definições

estreitas.

Mas existe uma parte dessa história que talvez seja a menos visível e, por isso mesmo, a mais bonita.

É o que acontece depois da decisão de plantar.

Porque plantar é um ato de esperança, mas sustentar o plantio é um exercício de bravura.

Depois da ideia, vem a realidade. Depois do entusiasmo, vêm as dificuldades. Depois da primeira abertura, surge o desafio de conquistar continuidade, construir reconhecimento, despertar interesse e fazer com que aquilo que hoje parece novidade amanhã seja compreendido como parte indispensável de uma paisagem cultural mais ampla.

É a hora em que a semente está debaixo da terra.

Ninguém vê suas raízes procurando caminhos. Ninguém acompanha o esforço de romper as camadas que a comprimem. Ninguém escuta o silêncio de sua resistência.

Mas ela está trabalhando.

E talvez seja exatamente isso que torna tão admirável a coragem de quem escolhe esse caminho: compreender que o resultado de uma iniciativa cultural não se esgota na resposta imediata de uma plateia. Existem transformações que começam muito antes de serem percebidas. Existem repertórios que precisam de tempo para encontrar seus ouvintes. Existem encontros que só revelam sua verdadeira dimensão depois de muitas estações.

Fernando de Souza parece compreender a beleza e a responsabilidade desse processo.

Ao permitir que diferentes expressões musicais encontrem lugar na programação da Casa da Música, sua coordenação participa de algo muito maior do que uma simples diversificação de

repertório. Participa da construção de uma cultura de escuta.

E escutar é também um ato de transformação.

É permitir que a música clássica encontre novas paisagens sonoras. Que o jazz descubra outras pulsações. Que a música amazônica não seja recebida como uma visita curiosa, mas como uma expressão artística capaz de dialogar, em condições de igualdade, com outras grandes tradições musicais.

A diversidade não diminui uma tradição. Amplia sua capacidade de existir.

Uma casa de música verdadeiramente aberta ao mundo não perde sua identidade quando acolhe outras identidades. Ao contrário: torna-se maior.

E que beleza há nessa possibilidade de encontro entre Portugal e Amazônia!

Há um oceano entre esses territórios, mas a música tem essa extraordinária capacidade de transformar distâncias em intimidade. Um tambor pode despertar uma memória que nunca foi vivida. Uma melodia pode criar pertencimento onde antes havia apenas desconhecimento. Uma voz pode fazer com que alguém, do outro lado do Atlântico, sinta que aquele universo também lhe pertence.

É assim que a cultura constrói pontes: não apagando as diferenças, mas permitindo que elas se reconheçam.

Por isso, as quatro noites de programação representam muito mais do que apresentações artísticas. Representam a coragem de oferecer ao público uma experiência diferente, de ampliar seu horizonte sensível e de afirmar que a excelência musical não está presa a uma única geografia, a uma única linguagem ou a uma única tradição.

E é preciso reconhecer quem teve a ousadia de iniciar esse movimento.

Porque existem pessoas que administram programações e existem pessoas que compreendem que uma programação também pode mudar destinos culturais.

Há quem prefira a segurança de repetir caminhos conhecidos. E há quem aceite a responsabilidade de abrir caminhos que ainda não foram suficientemente percorridos.

O segundo caminho exige mais. Exige convicção, paciência, resistência e uma espécie de fé que não depende de resultados imediatos.

É a fé de quem sabe que uma árvore não nasce no dia em que alguém a planta.

Talvez a maior homenagem que se possa fazer a essa iniciativa seja desejar que ela não seja apenas um acontecimento bonito, mas o começo de uma permanência. Que a musicalidade amazônica encontre continuidade na Casa da Música. Que novos artistas possam chegar, que outras sonoridades sejam descobertas e que o público português tenha cada vez mais oportunidades de reconhecer a riqueza de um Brasil que também se expressa pela sofisticação de suas criações musicais.

Que essa experiência possa crescer, amadurecer e, quem sabe, tornar-se um território permanente de diálogo entre diferentes expressões musicais do mundo.

Porque o futuro da cultura não será construído por instituições que apenas protegem suas fronteiras, mas por aquelas que têm a sensibilidade de perceber que o mundo está cheio de músicas esperando uma oportunidade de serem ouvidas.

E, quando isso acontece, a instituição também floresce.

Fernando de Souza, a coragem de plantar merece reconhecimento. A disposição de sustentar o plantio merece respeito. E a compreensão de que a diversidade é uma riqueza que precisa ocupar espaços concretos merece aplausos.

Mas que ninguém tenha pressa de cobrar flores de uma semente que ainda está criando raízes.

Há processos que precisam do escuro para encontrar a direção da luz.

Há iniciativas que começam pequenas aos olhos de quem observa, mas carregam, dentro de si, a possibilidade de transformar paisagens inteiras.

E há gestos culturais cuja grandeza não está somente naquilo que apresentam hoje, mas naquilo que permitirão existir amanhã.

Nem tudo é flor. Às vezes, é preciso ser terra. É preciso ser raiz. É preciso ser silêncio, resistência e esperança.

Porque a semente que enfrenta a pressão da terra não está sendo vencida por ela.

Está aprendendo a romper.

E quando finalmente se transforma em árvore, sua sombra acolhe até aqueles que nunca souberam quem teve a coragem de plantá-la.

Que a Casa da Música seja essa terra generosa. Que a Amazônia encontre nela um lugar para florescer. E que a música, essa língua sem fronteiras, continue nos ensinando que a verdadeira grandeza de uma casa não está apenas naquilo que ela guarda, mas na beleza de tudo aquilo que tem coragem de receber.

Afinal, algumas pessoas plantam árvores.

Outras plantam possibilidades.

E as mais extraordinárias são aquelas que, mesmo sem saber quando verão a floresta, têm a coragem de começar.